



Interseccionalidade em ação: uma análise da obra 'Anseios' de Bell Hooks

HOOKS, Bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Editora Elefante, 2019, 448 p.

Bárbara Oliveira de Moraes¹

* * *

Esta resenha, sobre a relevante obra de bell hooks – *Anseios* -, recém lançada no Brasil, foi elaborada a partir da descrição dos capítulos. O primeiro, intitulado “**Cenas de libertação: verbalizar este anseio**”, revela sua reflexão sobre como a produção cultural, incluindo a adaptação de peças teatrais como *A Raisin in the Sun*, pode ser influenciada pela cultura dominante e pelas expectativas do público, podendo, inclusive, afetar a mensagem construída e o impacto político que essas obras possuem. A transformação de Walter Lee, de uma representação simbólica do "anseio" coletivo negro para um homem negro "ensandecido, raivoso e perigoso" é um exemplo disso.

A autora compartilha nesse primeiro capítulo sobre as dificuldades que acadêmicos negros enfrentam ao escrever críticas culturais devido à supremacia branca, mencionando como o trabalho é constantemente

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pesquisadora no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Socioambientais e Comunitários (GRIPES); Mestra em Práticas em Desenvolvimento Sustentável (UFRRJ); Bacharel em Administração Pública (UFF). E-mail: bomorais@gmail.com

submetido a escrutínio e como muitas vezes é mal interpretado, pois há uma hierarquia branca que controla a edição e publicação dos mesmos.

No decorrer do **segundo capítulo**, intitulado “**A política da subjetividade negra radical**”, hooks articula seus argumentos com os de Paulo Freire, enfatizando que os oprimidos precisam se tornar sujeitos ativos na luta contra a opressão, ao invés de apenas ser objetos passivos dos atos opressores. Corroborando com Freire, afirmando que é necessário desenvolver uma consciência crítica e questionadora para compreender as estruturas de dominação e inventar novas formas de resistência e existência.

Para a autora, o machismo minou a efetividade de todas as lutas pela libertação negra, incluindo aquelas que eram nacionalistas e radicais. Menciona que as mulheres negras, como Fannie Lou Hamer, Septima Clark, Rosa Parks, Ella Baker, entre outras, foram essenciais na participação e contribuição para as lutas pelos direitos civis. Por isso, destaca que a luta pela libertação deve ser conduzida pelos oprimidos como sujeitos ativos, desenvolvendo consciência crítica e inventando novas formas de resistência e existência. Nesse sentido, reconhecer o papel histórico e atual das mulheres negras na luta pela liberdade e igualdade é primordial.

O **terceiro capítulo**, intitulado “**Negritude pós-moderna**”, apresenta uma reflexão crítica sobre a relevância do discurso pós-moderno para a experiência negra contemporânea. Aqui, hooks questiona a efetividade do discurso pós-moderno na abordagem da diferença e da outridade, apontando que a abordagem é excludente, mesmo quando se apropria da experiência da diferença.

Ao mencionar a escassez de discursos e escritos por intelectuais afro-americanos sobre o pós-modernismo, demonstra o quanto a desigualdade está presente na academia e na produção de conhecimento. Para ela, o pós-modernismo desvela um certo impacto negativo, pois causa uma sensação de profunda alienação, desespero e perda de pertencimento não apenas entre os negros, mas também em outros grupos.

Durante o **quarto capítulo**, intitulado “**o *Chitlin circuit* sobre a comunidade negra**”, a autora inicialmente esclarece sobre o uso do termo

Chitlin circuit, utilizado para designar os locais de apresentação que eram considerados seguros e apropriados para artistas afro-americanos durante o período de segregação racial nos Estados Unidos. Esses locais estavam presentes em diversas regiões do país, incluindo o leste, sul e centro-oeste.

Para superar os desafios apontados ao longo do capítulo, a autora propõe o fortalecimento da memória coletiva como forma de conhecer e aprender com o passado, ressaltando a urgência de se manter viva a memória das lutas contra o racismo.

Durante o **quinto capítulo**, intitulado “**Constituir o lar: um espaço de resistência**”, a autora reflete sobre a vida de mulheres negras e sua luta constante na sociedade. O relato, embora pessoal, se aplica a muitas outras pessoas negras que enfrentam similaridade de situações, sendo uma reflexão sobre a tensão entre o trabalho prestado para as pessoas brancas e a necessidade de cuidar da própria família e comunidade, descrevendo as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade patriarcal e branca.

Ela ressalta a importância política da resistência das mulheres negras no ambiente doméstico. O lar é apresentado como um espaço de resistência onde os afro-americanos podem reconstruir sua identidade e renovar sua resistência, é o valor subversivo do lar, como um local de organização e formação da solidariedade política, para o movimento pela libertação dos negros.

No decorrer do **sexto capítulo**, intitulado “**Interrogação crítica: falar de raça, resistir ao racismo**”, hooks trata da mudança no discurso sobre raça na cultura e na academia, ao argumentar que, apesar de uma nova terminologia estar sendo utilizada para abordar questões relacionadas à raça, ela está sendo desvinculada de práticas culturais que perpetuam o racismo, criando uma lacuna entre comportamentos e ações.

Ela discute como a categoria raça vem sendo reconstituída como uma nova fronteira, sem levar em conta o contexto político e histórico, e que esse interesse está divorciado do reconhecimento do racismo e da dominação dos negros pelos brancos. A autora conclui que é importante que haja uma

conscientização sobre essas contradições na cultura popular e na academia, para que se possa entender a relação entre raça e cultura de uma forma mais completa e crítica.

É no **sétimo capítulo**, intitulado “**Reflexões sobre raça e sexo**”, que a relação entre raça e sexo nos Estados Unidos é exposta, destacando como a escravidão e a colonização têm sido expressas através de discursos sobre sexualidade, uma vez que a escravidão foi marcada pelo estupro como norma cultural, sendo usado como metáfora para a colonização imperialista. O capítulo trata da interseção entre o racismo e o machismo na sociedade, argumentando que a masculinidade é vista como sinônimo de poder e é usada para justificar a dominação sobre as mulheres e outros grupos subalternos. Além disso, a luta pela liberdade é frequentemente associada à masculinidade, o que perpetua a opressão de mulheres e negros.

Durante o **oitavo capítulo**, intitulado “**Representações: feminismo e masculinidade negra**”, somos convidados a considerar que o racismo e o machismo são formas interrelacionadas de opressão e que não é possível erradicar uma sem lidar com a outra. Evidencia-se que enquanto há mulheres brancas julgando escritores negros, é raro ver a mesma condenação em relação a escritores brancos. E que, no mundo acadêmico, há uma tendência a ignorar o machismo e o racismo de pensadores brancos considerados importantes, mas essa reação é tão problemática quanto ignorar os escritores negros.

Para hooks, construir um movimento feminista verdadeiramente interseccional e inclusivo, é necessário considerar a totalidade da tradição literária, incluindo escritores negros e mulheres negras, bem como pensadores/as brancos/as, e lidar com todas as formas de opressão, incluindo o machismo e o racismo.

No **nono capítulo**, intitulado “**Aos pés do mensageiro: lembrando Malcom X**”, ela aborda a autobiografia de Malcolm X, ressaltando o quanto é uma obra poderosa que relata a jornada de um homem na busca da libertação, tanto política quanto espiritual, apresentando-a como uma combinação de sua luta pela libertação dos negros da escravidão e sua busca por autorrealização

e conexão espiritual. A jornada de Malcolm X retrata o despertar espiritual como algo que ocorre após uma luta e uma errância e, ao final da obra, ele se apresenta como um homem liberto e comprometido com a luta revolucionária, sendo um testemunho do movimento da escravidão à liberdade e um retrato único da descolonização da mente negra.

Diante do **décimo capítulo**, intitulado **“Meninas divas do Terceiro Mundo: políticas da solidariedade feminista”**, hooks aborda a importância da solidariedade feminista, diante do desafio de construir relações saudáveis e respeitadas sem sobreposição de raça. A autora defende que essa solidariedade é um ato político de resistência ao racismo e machismo internalizados e que deve permitir críticas significativas e trocas intelectuais rigorosas.

No entanto, a história descrita no texto mostra como a norma da sociedade é tratar uns aos outros de forma desrespeitosa e como mulheres negras são duplamente apagadas e humilhadas quando isso acontece, sugerindo que a luta pela solidariedade feminista não é fácil, mas é importante continuar trabalhando para construir relações mais saudáveis e respeitadas entre mulheres de diferentes etnias.

No **décimo primeiro capítulo**, intitulado **“Uma estética da negritude: estranha e opositiva”**, ela argumenta que é fundamental que os envolvidos nas artes negras contemporâneas participem de uma discussão revitalizada sobre estética, visto que as teorias críticas sobre a produção cultural e estética ainda confinam e restringem artistas negros. Sugere que um discurso afro-americano sobre estética não precisa começar com tradições ocidentais brancas nem ser prescritivo e que a descolonização cultural é realmente importante para questionar a noção de que a cultura ocidental branca é "o" local onde surgiu uma discussão sobre estética.

Os afro-americanos progressistas buscam conceitualizar criticamente uma estética radical que não negue o poder do discurso sobre estética. hooks apresenta a proposta de Hal Foster de uma antiestética, que é uma prática interdisciplinar sensível a formas culturais engajadas em uma política ou enraizadas em um vernáculo, é apresentada como um paradigma útil.

Durante o **décimo segundo capítulo**, intitulado **“Heranças estéticas: a história feita à mão”**, a autora trata do legado artístico das mulheres negras e da importância de se registrar e documentar essas contribuições. Inspirada na artista Faith Ringgold, que celebrou e valorizou a produção artística de mulheres negras desconhecidas, hooks relembra sua avó, que era uma tecedora de colchas de retalhos dedicada e desejou registrar e nomear sua história para resistir ao apagamento das mulheres negras.

A história do trabalho das tecedoras negras de colchas de retalhos é rica e complexa, e precisa ser analisada a partir de uma perspectiva crítica que considere o impacto da raça, do sexo e da classe. Muitas mulheres negras escravizadas teciam colchas como parte de seu trabalho, e muitos de seus trabalhos são passados de geração em geração, preservados por famílias brancas. No entanto, muitos estudos contemporâneos sobre a prática de tecer colchas não discutem esta forma de arte a partir de uma perspectiva interseccional.

No **décimo terceiro capítulo**, intitulado **“Entre uma cultura e outra: etnografia e estudos culturais como intervenção crítica”**, hooks dialoga sobre as tensões e desafios enfrentados pelos estudos culturais como uma intervenção crítica na academia, destacando a necessidade de estudiosos progressistas manterem-se conscientes da maneira como as práticas discursivas e a produção de conhecimento são facilmente apropriadas pelos sistemas de dominação vigentes. Só com uma intervenção crítica radical, que os estudos culturais podem ser um espaço significativo de contestação e confronto construtivo, mas isso só será possível se a área estiver comprometida com uma "política da diferença" que reconheça a importância de diálogos críticos entre indivíduos de diferentes perspectivas. Para alcançar esse objetivo, hooks acredita ser necessária uma nova etnografia que celebre o caráter polifônico do discurso crítico e que promova o diálogo e a escuta de uns e outros.

É no **décimo quarto capítulo**, intitulado **“Preservar a cultura popular negra: Zora Neale Hurston como antropóloga e escritora”**, que somos apresentados ao trabalho da antropóloga Zora Neale Hurston e sua

abordagem inovadora na pesquisa antropológica, uma vez que a autora foi bem-sucedida em desconstruir a relação sujeito/objeto que caracterizava o trabalho antropológico da época, ao criar uma relação recíproca e prazerosa entre contar e ouvir histórias.

Seu livro "*Mules and Men*" é considerado uma obra poderosa e importante para estudantes de história afro-americana e folclore. No entanto, apesar de suas contribuições significativas para a disciplina, Hurston é pouco mencionada em trabalhos contemporâneos sobre etnografia e antropologia. Por isso, hooks argumenta ser necessária uma reavaliação e discussão contemporânea sobre a importância do trabalho de Hurston, pois ela abriu novos caminhos na antropologia e levou o considerado folclore afro-americano de volta ao espaço no qual surgiu.

No **décimo quinto capítulo**, intitulado "**A margem como espaço de uma abertura radical**", o tema é a experiência de ser negro em espaços de privilégio e de dominação, onde as pessoas negras são frequentemente tratadas como "outros" e enfrentam a pressão para silenciar suas vozes. A autora argumenta que é importante criar espaços de abertura radical para sobrevivência, já que ocupar esses espaços é difícil, mas necessário, expondo que a compreensão da marginalidade como lugar de resistência também permite às pessoas enfrentarem a opressão com mais força e determinação, uma vez que compreendem que sua posição de margem não é um sinal de fraqueza, mas, sim, uma forma de resistência e luta contra o sistema opressor.

O **décimo sexto capítulo**, intitulado "**Nilismo elegante: raça, sexo e classe no cinema**", é um texto crítico sobre a representação de pessoas negras na mídia e no cinema. Nele, hooks argumenta que a colonização nos fez ser participantes de rituais cotidianos de poder que perpetuam nossa posição de dominados. Muitas vezes a cultura midiática popular representa pessoas negras através das lentes do opressor ou do rebelde radical, o que leva a estereótipos reiterados e preconceitos não compreendidos ou deixados de lado. Em relação ao cinema, a autora sugere expandir o discurso crítico sobre filmes para entender a complexidade da representação de pessoas negras. O filme

"*Sammy e Rosie*" é mencionado como um exemplo de uma abordagem que põe em xeque esse tipo de representação.

Já no **décimo sétimo capítulo**, intitulado **“Representando a branquitude: Asas do desejo”**, a autora ressalta que devemos ter consciência de como as obras de arte refletem e influenciam a cultura e a sociedade. E trabalhar para que a representação seja mais justa e inclusiva. Ela aborda "Asas do Desejo", filme dirigido por Wim Wenders que conta a história de dois anjos, Damiel e Cassiel, que vivem em Berlim e desejam experimentar a vida humana. O filme explora a relação entre personagens, que apresentam uma aura de ligação homoerótica angelical, mas que é ameaçada quando Damiel se sente atraído por Marion, uma mulher "mortal".

O **décimo oitavo capítulo**, intitulado **“Arte contra-hegemônica: faça a coisa certa”**, analisa a obra de Spike Lee, "Faça a coisa certa", que pode ter interpretações diferentes dependendo da perspectiva de diferentes grupos sociais. Para brancos privilegiados, o filme pode ser visto como uma forma de se sentirem reconfortados de que não são racistas, mesmo que ao mesmo tempo possa dar legitimidade a comportamentos racistas. Enquanto que para negros de classes mais baixas, o filme pode ser visto como uma forma de empoderamento, mas também como uma exploração de suas experiências de vida. Em geral, hooks sugere ser importante considerar as diferentes perspectivas e as formas como a obra é vista e interpretada por diferentes grupos sociais para de fato avaliar seu impacto e significado.

No **décimo nono capítulo**, intitulado **“Um apelo à resistência militante”**, ela discute aspectos relevantes sobre a luta contra o apartheid, que não pode ser encarada somente como uma questão de cor, mas como uma luta pela igualdade e justiça. Trata também sobre a importância de se compreender como o machismo alimentou o sistema do apartheid e sobre como isso afeta a vida das mulheres negras, especialmente aquelas que trabalham como domésticas.

O **vigésimo capítulo**, intitulado **“Sexualidades sedutoras: a repressão da negritude na poesia e nas telas”**, tece a análise do filme "*Looking for Langston*", uma reflexão crítica sobre a representação da identidade sexual

negra, da homossexualidade negra e do racismo na sociedade. Assim, a presença de homens brancos gays no filme é um lembrete de como raça e políticas de supremacia branca influenciam a construção da identidade sexual negra. O filme questiona a mercantilização da sexualidade dos homens negros e a representação deles como objetos na cultura de supremacia branca.

É no **vigésimo primeiro capítulo**, intitulado **“Mulheres e homens negros: parceria nos anos 1990: um diálogo entre bell hooks e Cornel West, apresentado no Centro Cultural Afro-Americano da Universidade Yale”**, que a autora sublinha a importância de se examinar as relações entre mulheres e homens negros, para além das relações românticas heterossexuais. Para hooks e West, a cultura que associa negritude à masculinidade prejudica a consciência das pessoas negras quanto à necessidade de uma parceria mútua entre mulheres e homens. Por fim, hooks e West argumentam que precisamos desenvolver uma terminologia política que permita a autodeterminação das comunidades negras, libertando-as da opressão e exploração machista.

No **vigésimo segundo capítulo**, intitulado **“Gloria Watkins entrevista bell hooks: não, não estou erguendo a voz contra mim mesma (janeiro de 1989)”**, hooks descreve sua experiência ao entrar nas livrarias, como uma pressão para encontrar livros escritos por mulheres, principalmente mulheres negras, e lê-los para melhor entender a luta feminista. Ressalta que essa preocupação é importante, mas também pode ser exaustiva, sinalizando que é necessário encontrar equilíbrio entre a paixão pelo feminismo e a necessidade de se concentrar em outras coisas na vida. Ao mesmo tempo, revela que o feminismo é uma parte fundamental de sua identidade e de sua vida, e não pode conceber sua existência sem ele.

Durante o **vigésimo terceiro capítulo**, cujo título é **“Um anseio final (janeiro de 1990)”**, hooks descreve por onde concentra sua escrita, que a princípio se debruçava em questões políticas e psicológicas enfrentadas pelas pessoas negras. Mesmo sendo uma referência e potência mundial, teve trabalhos rejeitados por diferentes editoras e, ainda assim, demonstrava sua resistência na produção de material que abordasse questões sobre/para a comunidade negra.

A obra "Anseios" apresenta, portanto, ensaios significativos que enriquecem o diálogo sobre raça, gênero e classe, através de uma revisão crítica de conceitos como alteridade, protagonismo e autonomia em espaços culturais, contribuindo para um aprofundamento dessas discussões e a reflexão sobre as complexas interconexões que revelam e materializam sua prática interseccional.

Recebido em janeiro de 2023.
Aprovado em fevereiro de 2023.